



O papel das exposições na formação do urbanismo: a difusão do Plano de Melhoramentos de Campinas de Prestes Maia na exposição de 1939

The Role of Expositions in the Formation of City Planning: The Dissemination of Prestes Maia's Improvement Plan for Campinas at the 1939 Exhibition.

Daniela da Silva Santos Krogh*, Rodrigo Henrique Busnardo de Souza** e Ivone Salgado***

Resumo

O artigo apresenta o contexto de realização da Exposição-Feira do Bicentenário de Campinas, de 1939 e que durante 90 dias serviu como espaço para a apresentação à população do Plano de Melhoramentos Urbanos, elaborado pelo engenheiro-arquiteto Francisco Prestes Maia com o objetivo de legitimar a implantação do plano e inserir Campinas na “modernidade”. Ela se configurou como um evento regional, que procurou apresentar a ideia de progresso e apontar o caráter moderno do evento, intimamente ligado à formação de uma identidade nacional durante o Estado Novo. A exposição insere-se na tradição da disciplina do urbanismo que pelo seu caráter operativo utiliza desde a sua formação este espaço como o de troca de experiências entre profissionais e de difusão junto à população das novas propostas de intervenção nas cidades.

Palavras chave: Exposição-Feira do Bicentenário de Campinas, Estado Novo, identidade nacional.

Abstract

This paper presents the setting of the organization of the 1939 Exhibition-Fair for the Bicentennial of Campinas, which, during 90 days, exposed the Urban Improvement Plan designed by engineer-architect Francisco Prestes Maia to the population both to legitimate its implementation and to bring Campinas into the “modern age”. This regional event sought to introduce the idea of progress and highlight its own modern character, closely linked to the formation of a national identity during the Estado Novo (New State). It thus forms part of the tradition of the city planning discipline, which, since its formation, because of its operative nature, has used such spaces to promote exchanges of experiences between professionals and disseminate new proposals of urban interventions to the population.

Keywords: Exhibition-Fair for the Bicentennial of Campinas, Estado Novo, National Identity.

*Doutoranda do POSURB - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo PUC-Campinas

**Doutorando do POSURB - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo PUC-Campinas

***Docente do POSURB - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo PUC-Campinas

Introdução

Para os historiadores do urbanismo - *city planning*, o período entre 1904 e 1914 é considerado fundamental para a emergência da nova disciplina; é neste período que se dá o debate em torno da formação deste campo de saber. Neste debate, de caráter interdisciplinar e internacional, muitas publicações divulgavam as experiências europeias na América, sobretudo as alemãs; assim como as experiências americanas foram difundidas na Europa. Esta troca de experiências foi emblemática na construção da disciplina urbanística e foi marcada pela promoção de exposições, conferências, encontros e contatos pessoais entre os profissionais pioneiros neste campo de conhecimento. (COLLINS, 2005, p. 21)

Para Donatella Calabi, a dimensão internacional se torna determinante na construção da nova disciplina, pois viabiliza “a construção de um sentido de comunidade profissional que vai além das fronteiras nacionais, permitindo a circulação

das experiências” através de diversos canais de difusão que se configuram como lugar de amadurecimento do debate. (CALABI, 2012, p. 5)

Dentre os canais de difusão da nova disciplina, destacam-se os congressos, seminários e as primeiras revistas, que permitem o amadurecimento do debate; as exposições, que se configuram como oportunidades para a divulgação das ideias e dos projetos realizados; os estudos teóricos, histórico-teórico, os manuais, que favorecem a organização de um saber adquirido, de teorias já configuradas; os estatutos das associações profissionais dos engenheiros e arquitetos, que tem caráter de postulados e que refletem nos regulamentos e nas leis. (CALABI, 2012, p. 5)

A rápida expansão das cidades na Europa e na América, na passagem do século XIX para o XX, chamava a atenção de um grande número de profissionais com diversificadas experiências.



Figura 1. Vista de cima da Rue Champlain, (20th arrondissement), Paris, 1877-1878. Autor: Charles Marville. Fonte: Musée Carnavalet, Paris. Charles Marville/Musee Carnavalet/Roger-Viollet. Disponível em: <http://www.nga.gov/content/ngaweb/features/marville/paris-transformed.html> Acesso em: 03 nov. 2015.

Estas autoridades estavam frequentemente em conflito, debatendo com especialistas o que seria mais vital às melhorias urbanas: sistema de transporte, infraestrutura sanitária, arquitetura, traçado das ruas, planos de parques. Na América, por exemplo, o *park system*, que previa uma cidade-rural contínua, inicialmente proposta por Frederick Law Olmsted, ganhou grande difusão entre seus seguidores tanto na América como na Europa. Gradualmente, as diversas realizações abrangendo os complexos problemas das metrópoles modernas impunha uma abordagem multidisciplinar e internacional.

O interesse neste debate levaria boa parte dos profissionais e administradores municipais a promoverem exposições sobre o tema que marcariam a formação da disciplina. Inicialmente, estas exposições estão inseridas nas grandes exposições de caráter universal que ganharam dimensão a partir da metade do século XIX, como a exposição de Londres de 1851, para se consubstanciarem em exposições específicas dos profissionais do urbanismo a partir do início do século XX, notadamente as exposições de Washington e Boston de 1903 e as exposições de Berlim e Londres de 1910, como veremos a seguir. Constrói-se, assim, uma tradição no campo disciplinar do urbanismo de realização de exposições sobre planos, teorias e projetos urbanísticos que viabilizam o debate entre os profissionais da área e o público em geral.

1. As grandes exposições universais

A formação do urbanismo, desde sua concepção lexical até sua compreensão enquanto ciência, teve início a partir da segunda metade do século XIX, num contexto de expansão de várias cidades mundiais, sobretudo na Europa remodelada – principalmente dos pontos de vista geográfico, político, econômico e social –, decorrente de um segundo momento da Revolução Industrial.

Os maiores centros urbanos da Europa tinham a missão de estudar e propor planos visando melhorar as condições de vida das pessoas que habitavam as maiores cidades do continente (Figura 1). Além disso, era necessário pensar as cidades de forma a adequá-la ao novo homem industrial.

Os agentes geradores da nova cidade eram a mina, a fábrica e a ferrovia [...] [...] Entre 1820 e 1900, a destruição e desordem, dentro das grandes cidades, é semelhante àquela de um campo de batalha. (Mumford, 1998, p. 483-484)

Agentes públicos e privados (entre estes, prefeitos, engenheiros, arquitetos, geógrafos, industriários, comerciantes etc) iniciaram um movimento de difusão e troca de experiências através da realização de congressos ou exposições, onde buscavam exibir tudo aquilo que era tido como “última tendência mundial”, seja no âmbito industrial (maquinários, matérias-primas, etc); na comercialização do produto final, até na forma de habitar as cidades.

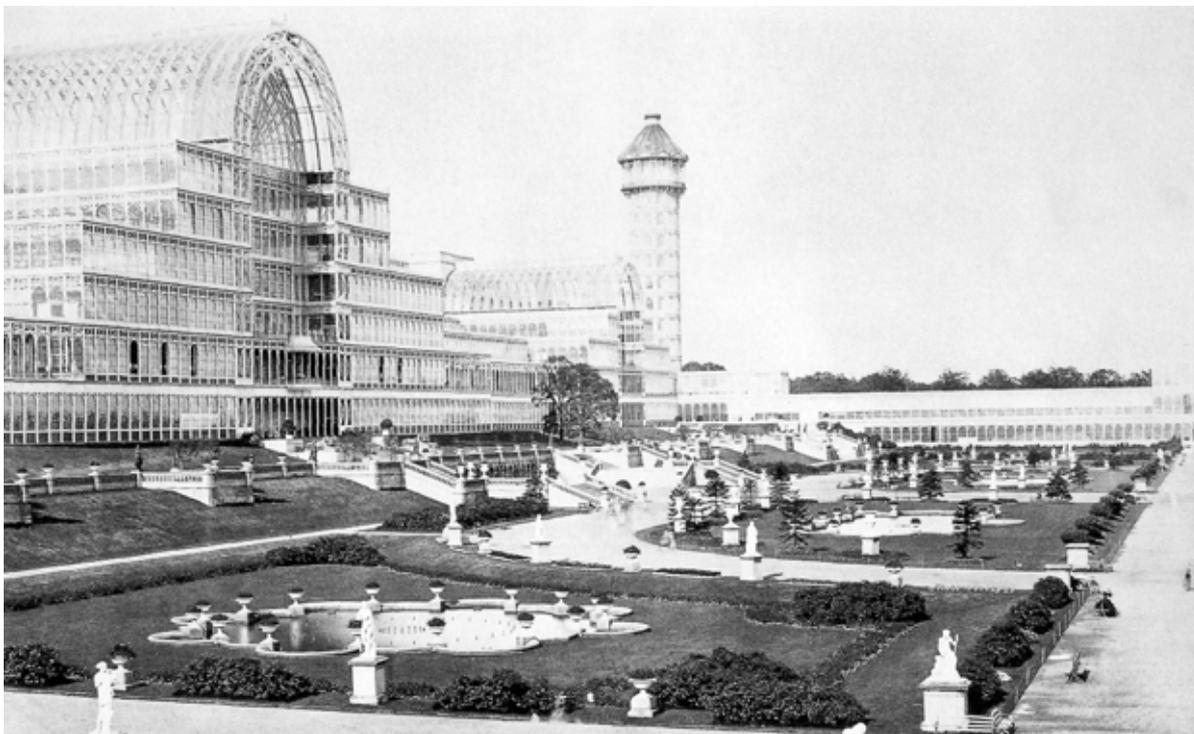


Figura 2: Palácio de Cristal, construído exclusivamente para a grande exposição de Londres, em 1851. Fotografia de Paul Furst. Fonte: Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b4/Kristallpalast_Sydenham_1851_aussen.png Acesso em: 03 nov. 2015.

A Exposição de Londres de 1851 entrou para a crônica da história da ciência e da tecnologia pelo fato de ter sido a primeira exposição de caráter ‘internacional’ e por ter sido capaz de criar e modelar todo um imaginário de modernidade. A maior lembrança que ficou desta exposição foi o Palácio de Cristal, estrutura em ferro e vidro construído em apenas um ano. (SANTOS, 2013, p. 02)

Estes eventos tinham caráter de exposição e comércio e já vinham sendo praticados desde o fim do século XVIII na França e início do XIX na Inglaterra, porém, eram de caráter local, “com

interesses mais regionais de trocas comerciais e incrementos na agricultura e indústria e não incluíam as técnicas úteis descobertas e usadas nas colônias”. (SANTOS, 2013, p.20)

As dez maiores exposições do século XIX foram realizadas entre 1851 (Figura 2) e 1900 nas cidades de Londres, Paris, Viena, Filadélfia e Chicago (Figura 3).

ANO	LUGAR	NUMERO DE VISITANTES	NUMERO DE EXPOSITORES	SUPERFICIE DE EXPOSIÇÃO
1851	LONDRES	6.039.195	13.937	8,4 hectares
1855	PARIS	5.182.330	20.839	9,9 hectares
1862	LONDRES	6.211.103	28.653	9,5 hectares
1867	PARIS	11.000.000	43.217	14,9 hectares
1873	VIENA	7.254.687	25.760	16,2 hectares
1876	FILADELFIA	10.185.000	80.000	30,3 hectares
1878	PARIS	16.032.725		22,5 hectares
1889	PARIS	32.250.297	81.722	21,2 hectares
1893	CHICAGO	27.800.801		81,0 hectares
1900	PARIS	50.800.801		46,0 hectares

Figura 3. As principais exposições mundiais entre 1851 e 1900. Fonte: Werner Plum. Exposições mundiais no século XIX: espetáculos de transformação sociocultural. Bonn: Ed. Friedrich-Ebert-Stiftung, 1979. In: SANTOS, P. C. dos. Um olhar sobre as exposições universais. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, 2013.

2. Os primeiros fóruns de urbanismo

Os primeiros fóruns de urbanismo ocorreram de forma integrada às exposições universais e tinham caráter restrito e temático. Ocorreram na exposição universal de Paris, em 1889, cujo monumento construído exclusivamente para o evento foi a Torre Eiffel; depois na exposição de Chicago, em 1893, que contou com a reunião da *American Institute of Civil Engineers*; em Bruxelas e Paris, respectivamente em 1898 e 1900, que contaram com

os primeiros *Congrès D'Art Public*; e atingiram a maturidade e independência na exposição ocorrida em Dresden, na Alemanha, em 1903.

O *VII International Congress of Architects*, realizado em Londres, em 1906, também contou com a presença de importantes urbanistas como o alemão Joseph Stübben, o belga Charles Buls e o inglês Raymond Unwin.

Em 1910, Londres também sediaria um dos mais importantes eventos do período: a *Town Planning Conference*, que conseguiria reunir a plêiade dos urbanistas da época, representando países de todos os continentes. Nesse mesmo ano, na Alemanha, em Berlim e em Dusseldorf, outros dois encontros já tinham discutido os planos apresentados no concurso para a “Grande Berlim” (Figura 4). Neste evento houve uma exposição onde constavam trabalhos de urbanismo elaborados para as

cidades de Budapeste, Estocolmo, Munique, Colônia, Londres, Paris, Viena, Chicago e Boston.

O ano de 1913 foi marcado pela realização dos últimos encontros significativos desse período. Coincidentemente, todos realizados na Bélgica e Holanda, onde estiveram presentes Joseph Stübben e Charles Buls.

Nos Estados Unidos, a Primeira Conferência Nacional sobre *City Planning*, ocorreu em Washington, em 1909. Nela, Frederick Law Olmsted Jr., que havia retornado recentemente de viagens na Europa, afirmou em seu discurso que muito poderia ser aprendido dos acertos e erros das experiências europeias. Em suas explanações, fez amplos relatos das experiências alemãs, sobretudo a respeito das regulamentações das construções e do *zoning*, assim como sobre as disposições para que os proprietários de imóveis cedessem terra para abertura de vias e outros usos públicos. Neste mesmo ano de 1909, um grupo de profissionais e empresários de Boston, liderados por Edward Albert Filene, um reformador social, concebeu um ambicioso plano para conectar 37 pequenas cidades vizinhas numa unidade metropolitana. Este plano, denominado Boston 1915, detalhava melhoramentos urbanos – *civic improvement* – para os próximos seis anos. Uma exposição foi realizada no mesmo ano de 1909, em Boston, para divulgar este plano, assim como outras experiências nacionais e internacionais neste campo. Seus promotores es-

Figura 4. Perspectiva “olho de pássaro”, para o plano da Grande Berlim, em 1910. Desenho de Bruno Schmitz. Fonte: Portal Europeana. Disponível em: http://www.europeana.eu/portal/record/08535/local__default__8009.html Acesso em: 03 nov. 2015.



tavam convencidos de que as melhorias urbanas e o progresso econômico eram essenciais para o aperfeiçoamento da cidadania e proclamavam que a experiência de Boston poderia ser aplicada em outras cidades que pretendessem estimular a consciência cívica. Na sessão internacional da exposição de Boston, chamou a atenção um plano para a Grande Berlim, o que promoveu a futura exposição de Berlim no ano seguinte de 1910, assim como o interesse dos americanos por ela. Todavia, para os profissionais envolvidos no debate sobre o planejamento das cidades americanas, as experiências alemãs eram vistas com receio, sobretudo no que concerne à questão da gestão municipal ou governamental. Temiam que a solução para os problemas urbanos implicasse no socialismo. Um equilíbrio entre o *laissez-faire* Americano e um *comprehensive city planning* era almejado. (SALGADO, 2014, pp. 17-18)

Observa-se assim, nesta época, que as exposições sobre o tema do planejamento da cidade passam a ser concebidas como um veículo para estimular um público mais amplo a refletir sobre as questões e problemas urbanos e visavam incentivar uma participação cívica. Frederick Law Olmsted Jr., Raymond Unwin, Patrick Geddes e Werner Hegemann, entre outros, comungavam estas ideais e pensaram numa exposição internacional para divulgar e debater as novas ideias sobre o *city planning*, o urbanismo. Nasce assim a Exposição Universal sobre o *City Planning* de Berlim, de 1910, fundamental para a emergência

da disciplina. Voltada para o planejamento da cidade e Berlim, se configurou como o locus de uma discussão internacional sobre o futuro das metrópoles e sobre as novas ideias no campo do urbanismo. No mesmo ano, uma exposição similar foi realizada em Düsseldorf. Em todas estas exposições, Boston, Berlim e Düsseldorf, o Plano de Chicago de Daniel H. Burnham e Edward H. Bennett foi exposto como uma experiência de grande envergadura. No mesmo ano de 1910, na sequência das exposições de Berlim, a primeira, e de Düsseldorf, logo em seguida, foi realizada em Londres a *Town Planning Conference* do *Royal Institute of Architects* (RIBA) na qual o Plano de Chicago também era uma das principais peças em exposição. Segundo Christiane Collins, Werner Hegemann comentaria na época:

The efforts to arrive at a comprehensive master plan for the entire area of Greater Berlin have recently found an instructive example in Chicago. Chicago with its population of two million is appropriate to a certain extent for a comparison with growth of Greater Berlin in the past half century, while older cities of millions, which culturally should preferably be compared with Berlin, have grown much more slowly.¹ (COLLINS, 2005, p. 39)

As condições históricas de formação da grande metrópole de Chicago, no início do século XX, assim como as propostas para o controle do seu crescimento urbano, sobretudo o Plano

1 Os esforços para chegar a um plano diretor abrangente para toda a área da Grande Berlim levaram recentemente a um exemplo instrutivo que é o caso de Chicago. Chicago, com sua população de dois milhões de habitantes, é apropriada, em certa medida, para uma comparação com o crescimento da Grande Berlim no último meio século, enquanto as cidades mais antigas com milhões de habitantes, que culturalmente deveriam preferencialmente ser comparadas com Berlim, têm crescido muito mais lentamente. Tradução livre nossa.

de Burnham e Bennett, colocam esta experiência no centro do debate sobre a emergência da nova disciplina.

Um dos participantes da exposição de Berlim de 1910, Bertel Jung de Helsinki, destacou como o mais interessante dos salões, aquele onde era possível conferir um conjunto de literatura no qual poderia abrigar o conceito de *Städtebau* – urbanismo. Para ele, como para muitos outros, a exposição representava um seminário ou uma universidade aberta, que permitia o contato com os novos livros, oferecia palestras, sessões de discussões, defendendo uma compreensão abrangente desta nova e desafiadora disciplina.

Um dos organizadores das exposições de Berlim e de Düsseldorf, assim como da exposição de 1909 de Boston, Werner Hegemann publica, em 1911, sua obra intitulada *Der Städtebau*, na qual afirma, como em outros artigos posteriores, que o primeiro e mais importante propósito do urbanismo é a satisfação digna das necessidades habitacionais no sentido mais amplo do termo e que a maior causa da situação de pobreza urbana em toda parte era a especulação imobiliária. A confecção desta obra está diretamente relacionada com o contexto da difusão das experiências americanas e europeias nas exposições internacionais nos dois continentes. (COLLINS, 2005, p. 48)

Para Christiane Collins, antes da Primeira Guerra Mundial, o interesse dos americanos no *city plan-*

ning – urbanismo, era maior que o europeu. O foco dos europeus estava mais na arquitetura do que no urbanismo e na reforma social. Entretanto, os berlinenses acreditaram que através da exposição de 1910, teriam uma oportunidade para debater sobre as questões da planificação urbana. Somente com o final da Primeira Guerra Mundial é que as experiências europeias no campo do urbanismo ganham vulto. (COLLINS, 2005, p. 59)

As exposições sobre planos urbanísticos foram de grande relevância para a construção da disciplina na medida em que permitiam o debate e a troca de experiências entre diversos países, tanto no que se referia ao conhecimento das realidades urbanas de diversas cidades como ao contato com os profissionais do campo e seus projetos de intervenção para estas cidades.

3. A participação dos Brasil nas exposições universais e nos fóruns internacionais de urbanismo

Conforme dados extraídos de Schroeder-Gudehus & Rasmussen a participação do Brasil nas principais exposições universais foi mais significativa nos anos de 1862, em Londres; nos anos de 1867 e 1889, em Paris; no ano de 1876, na Filadélfia; no ano de 1904, em Saint-Louis; e no ano de 1910, em Bruxelas (Figura 5). (SCHROEDER-GUDEHUS & RASMUSSEN, 1992, pp. 58-179)

Após quase 60 anos da primeira grande exposição de Londres, o Rio de Janeiro sediou uma

ANO	CIDADE	Nº TOTAL DE EXPOSITORES	Nº DE EXPOSITORES BRASILEIROS	PAVILHÃO DO BRASIL*
1851	Londres	14.000	4	não
1862	Londres	23.954	230	não
1867	Paris	52.200	1.339	não
1873	Viena	53.000	Não consta	não
1876	Filadélfia	30.864	436	Sim
1889	Paris	61.722	838	Sim
1893	Chicago	70.000	Não consta	Sim
1904	Saint Louis	15.009	1.440	Sim
1905	Liège	15.000	Não consta	não
1906	Milão	27.000	Não consta	não
1910	Bruxelas	29.000	1.445	Sim
1913	Gand	18.932	2	não

Figura 5. As exposições universais entre 1851 e 1913. Fonte: SCHROEDER-GUDEHUS, Brigitte, RASMUSSEN, Anne. Les fastes du progres: le guide des expositions universelles 1851-1992. Paris: Flammarion, 1992. p. 58.

grande exposição nacional, em 1908, inaugurando, assim, o Brasil como sede de eventos significativos na área urbanística.

A comemoração do Centenário da Abertura dos Portos, em 1808 sacramentou a entrada oficial do Brasil no mercado internacional, além disso, marcaria um novo caminho do Brasil. Segundo Sílvia Ribeiro de Oliveira, “A Exposição de 1908, oferecia aos visitantes várias atrações como: restaurantes e o Teatro João Caetano, onde eram apresentadas as peças dramáticas, musicais, concertos sinfônicos e óperas atraindo a intelectualidade da época” (OLIVEIRA, 2010, p. 18)

Outras exposições nacionais já haviam sido realizadas no Rio de Janeiro, mas tinham sido instaladas em prédios já existentes. A Exposição Nacional de 1908 (Figura 6) inauguraria uma nova concepção expositiva: um novo espaço, um novo cenário, com a construção de prédios destinados especificamente à realização do evento, como era tradição nas exposições universais.

Para Paula Coelho Magalhães de Lima:

As exposições nacionais, preparatórias para as Universais, começam a acontecer no Brasil em 1861 no Rio de Janeiro com o intuito de inventariar as riquezas do país e selecionar o que havia de melhor para representá-lo internacionalmente. Porém, antes das exposições nacionais, organizavam-se exposições regionais, como foi

o caso da Exposição de 1908 em São Paulo, preparatória para a Exposição Nacional no Rio. (LIMA, 2012, p.11)

O Brasil foi o único país em toda a América Latina a sediar uma Exposição Universal, em 1922, no Rio de Janeiro e talvez a justificativa maior não fosse nada além do que comemorar o centenário da independência. (SANTOS, 2013, p. 9)



Figura 6. Pavilhões de Minas Gerais e de São Paulo na exposição universal do Rio de Janeiro, em 1908. Fotografia de autor desconhecido. Fonte: Margareth da Silva Pereira. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. In: ARQtexto (UFRGS), 2010, v. 16, p. 6-27.

Nos primeiros fóruns internacionais de urbanismo, destaca-se a presença de alguns brasileiros, com participações esporádicas, como Saturnino de Brito, Afrânio Peixoto, Arthur Motta e Victor da Silva Freire. Este último, foi um dos mais assíduos participantes desses fóruns e esteve presente nos encontros realizados entre 1910 e 1913. Freire que, na ocasião era diretor de obras municipais em São Paulo, no período de 1899 a 1926 e len-

te catedrático da Escola Politécnica, como indica José Geraldo Simões Junior, “(...) foi o principal responsável pelo traslado desse ideário internacional para o Brasil, no período anterior à Primeira Guerra Mundial”. (SIMÕES JUNIOR, 2014, n.p.)

Em São Paulo, a difusão do urbanismo entre os profissionais responsáveis pela administração das cidades e do território terá como primeiro protagonista Victor da Silva Freire, considerado um representante do movimento internacional da disciplina em formação. No começo do século XX, Victor da Silva Freire argumentava sobre a necessidade de se ter nos estabelecimentos de ensino, se referindo seguramente à Escola Politécnica, cadeiras que se dedicassem a ensinar, debater e expor, de forma científica os temas referentes à cidade moderna; ou seja, defendia a institucionalização de um campo de saber específico sobre a produção do espaço construído em bases científicas e modernas – o urbanismo. (COSTA, 2014, p. 120)

Segundo Luiz Augusto Maia Costa, desde a administração do prefeito e conselheiro Antônio Prado,

Victor da Silva Freire passou a exercer o papel mais relevante na produção do espaço construído da capital paulista. Em 1899, o conselheiro Antônio Prado assume a prefeitura do município e transforma a Intendência de Obras em Seção de Obras, a qual, posteriormente, ampliada, deu origem à Diretoria de Obras Muni-

cipais, e nomeia Victor da Silva Freire, primeiro como chefe e depois como diretor da Seção (depois, Diretoria) de Obras da Prefeitura, cargo que ocupou até 1926. (COSTA, 2011, p. 120)

O engenheiro-arquiteto Luiz de Anhaia Mello, na década de 1920, segundo Maria Stella Martin Bresciani, também atuava na cidade de São Paulo, à frente do Instituto de Engenharia, aonde era diretor, e da Escola Politécnica de São Paulo, aonde era vice-diretor e docente, expondo em suas aulas e conferências a convicção e que o urbanismo “exigia a cooperação, sendo indispensável o apoio dos cidadãos para a necessária resolução dos problemas postos pela expansão da cidade”, ideia esta que defendeu, por exemplo, na primeira reunião da recém-criada Divisão de Urbanismo do Instituto de Engenharia de São Paulo, em conferência denominada “A Verdadeira Finalidade do Urbanismo”. (BRESCIANI, 2010, p. 149)

A literatura sobre o tema da institucionalização do urbanismo em São Paulo revela que intenso debate foi realizado nas primeiras décadas do século XX, no território paulista, entre Anhaia Mello e Prestes Maia, sobre os princípios da nova disciplina e sobre a melhor maneira de fazer a gestão da cidade. O debate entre estes dois protagonistas do urbanismo paulistano também esteve presente na cidade de Campinas, aonde ambos foram contratados para a elaboração e um plano de melhoramentos entre o final da década de 1920 e o final da década de 1930. Con-

cluído o plano, em 1939, de autoria de Prestes Maia, uma exposição foi idealizada e realizada na cidade com o intuito de divulgar o plano, reproduzindo uma das estratégias de consolidação da disciplina: a divulgação e o debate público para o convencimento da oportunidade da realização das transformações propostas.

4. A Exposição-Feira do Bicentenário de Campinas de 1939 e a difusão do Plano de Melhoramentos Urbanos de Prestes Maia

Uma grande exposição em homenagem ao bicentenário da cidade de Campinas foi realizada, em 1939. O evento foi promovido pela prefeitura da cidade e por uma “comissão oficial de festejos”, contando com stands de várias espécies: empresas, comércio, cidades vizinhas, agricultores etc.

A Exposição-Feira do Bicentenário de Campinas serviu como espaço para apresentar à população da cidade o Plano de Melhoramentos Urbanos, elaborado por Francisco Prestes Maia. Apesar das reinterpretações históricas sobre a data da fundação de Campinas na época (1739 ou 1774), optou-se pela comemoração em 1939 do aniversário da cidade com o objetivo de legitimar a implantação do plano de remodelação da cidade, recém-concluído.

Patrocinada pela Prefeitura Municipal de Campinas e organizada por uma Comissão com-

posta por 35 membros, contou com a presença na abertura do evento do interventor federal no Estado de São Paulo, Adhemar de Barros, o então prefeito da capital Francisco Prestes Maia, o prefeito nomeado de Campinas, Euclides Vieira e demais autoridades municipais, empresários, a imprensa etc. O início da exposição ocorreu em 23 de setembro de 1939 e teve a duração de 90 dias, atraindo a população de Campinas, das cidades do seu entorno e de todo o Estado.

O relatório de 1939 do prefeito Euclides Vieira destaca que:

A duração desse certame foi de 90 dias, tendo seu funcionamento constituído uma das mais brilhantes de todas as festividades. Esta realização foi de relevante relevância para a cidade, – considerando o elevadíssimo número de visitantes que aqui estiveram, vindo de todos os pontos do Estado e dos principais centros do país. (VIEIRA, 1940, p.31)

Além das comemorações cívicas, o evento buscou inserir a cidade na “modernidade”, conformada pelo Plano de Melhoramentos Urbanos e o progresso marcado pela crescente industrialização. Buscou-se também a formação de uma nova identidade para a cidade, durante o período de exceção da Era Vargas (1930-1945), no qual observa-se a sua inserção num projeto de estado para a formação de uma nova identidade nacional.



Figura 7. Planta da Cidade de Campinas, de 1929, na qual foi anotado o anteprojeto do Plano de Melhoramentos Urbanos, elaborado pelo engenheiro Francisco Prestes Maia, em 1934. Fonte: Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas (1739-1939). São Paulo: J. Gozo, 1940.

A Exposição-Feira do Bicentenário de Campinas, em 1939, foi estrategicamente usada para a apresentação, bem como a legitimação da implantação do Plano de Melhoramentos Urbanos. Silvia Amaral Palazzi Zakia argumenta que: “A confusão em torno da data de fundação foi bastante conveniente, nesse sentido, e serviu de base para a organização do evento, no qual o projeto grandioso de modernização urbana seria apresentado pública e oficialmente à sociedade.” (ZAKIA, 2011, p.88)

Para a realização desse evento, a atuação da prefeitura esteve voltada à infraestrutura dos terrenos do Jockey Club de Campinas, onde foram montados os pavilhões expositivos, entre outras despesas, conforme consta no Relatório de 1939, publicado em 1940:

EXPOSIÇÃO DO II CENTENÁRIO: - Em comemoração do bicentenário da fundação da cidade, a Prefeitura promoveu, com grande sucesso, uma Exposição, nos terrenos do Jockey Club. O arruamento do local, construção de escadaria de acesso ao pórtico de entrada, pavimentação, revestimento das ruas, ajardinamento e diversas vedações, foram executados pela Diretoria de Obras e Viação, com a despesa de 26:310\$600. Por intermédio da mesma Diretoria, a Prefeitura concorreu – ainda com 51:722\$600, para o Pagamento do Pavilhão do Município, que constituiu uma das maiores atrações da Exposição. (VIEIRA, 1940, p.14)

O Plano de Melhoramentos Urbanos foi largamente divulgado na exposição, por meio de plantas (Figura 7), perspectivas (Figuras 8 e 9) e maquete realizada pelo artista Otavio Papais que media 4 x 2,4 metros, além de mapas em alto relevo do município e de fotografias de áreas diversas.



Figura 8. Plano de Melhoramentos de Campinas: perspectiva do trecho central da Avenida Francisco Glicério. Fonte: Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas (1739-1939). São Paulo: J. Gozo, 1940.

Zakia enfatizou sobre a importância da exposição para o urbanismo regional, dizendo que a exposição servia de forma simbólica:

(...) para demarcar o nascimento da cidade industrial e moderna. Até a ideia de realizar uma exposição-feira comemorativa estava em sintonia com o contexto de modernidade que se desejava afirmar. Enquanto, no mesmo ano, a Feira Mundial de Nova York, intitulada O mundo de amanhã, exibia ao público todas as novidades do mundo moderno; em Campinas, a Exposi-

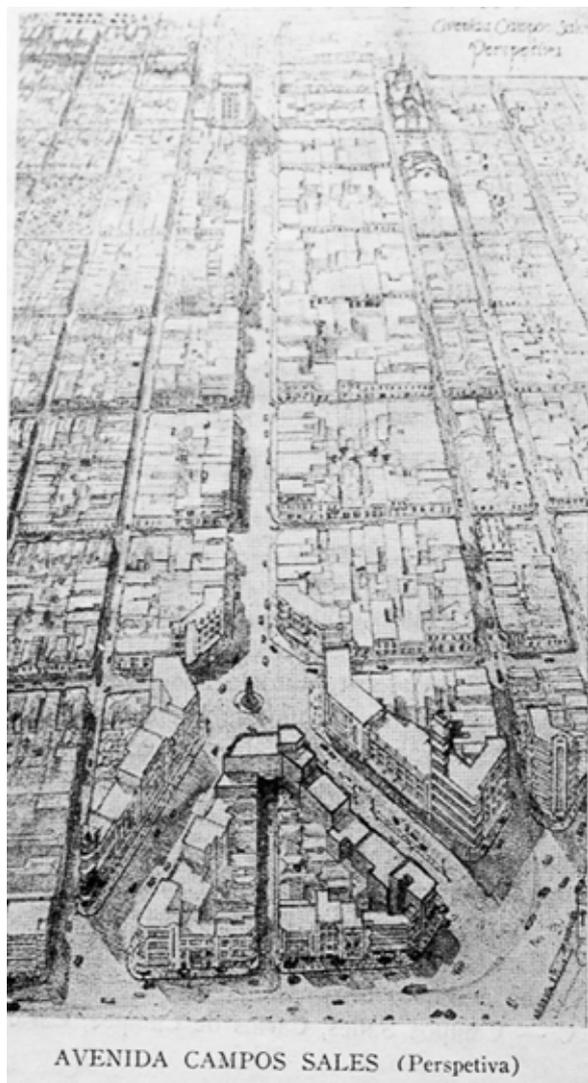


Figura 9. Plano de Melhoramentos de Campinas: perspectiva da Avenida Campos Sales. Fonte: Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas (1739-1939). São Paulo: J. Gozo, 1940.

ção-Feira do Bicentenário apresentava a cidade moderna, industrial e progressista na qual Campinas havia se transformado. Estava, pois, oficialmente consolidada a inserção da outrora provinciana Campinas no mundo moderno. Os festejos foram inaugurados com a presença do interventor estadual e dos representantes do poder público municipal. (ZAKIA, 2011, p. 98)

A exposição foi o marco de mais uma etapa desse projeto de modernização de Campinas. Era, portanto, o momento de iniciar efetivamente as obras.

5. O contexto histórico de realização da exposição de Campinas

Para a exposição e Campinas de 1939, foi confeccionada e distribuída a “Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas (1739-1939)”, que continha 166 páginas.

Logo nas primeiras páginas da revista mencionada, encontram-se as fotografias do então Presidente da República Getúlio Vargas, seguido do Interventor Federal do Estado de São Paulo Adhemar de Barros, o Comissário Geral da Exposição João Artacho Jurado e o Prefeito de Campinas Dr. Euclides Vieira.

A primeira foto da revista, que parece ser uma foto oficial de Getúlio Vargas, remete ao fato de que o momento histórico no qual foi realizada a exposição era aquele do período ditatorial do Es-

tado Novo, que se inicia em 1937, fazendo clara alusão à imagem de Getúlio como o “líder supremo” da nação, numa espécie de “culto à imagem do líder político”.

A Exposição-Feira contava com 14 pavilhões, sendo eles: Município de Campinas, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Município de Americana, Município de Amparo, Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, Cia. Paulista de Estradas de Ferro, Eletro Radio Casa Telefonica, Barreto Leme, Campos Sales, Grill-Room e Cassino, Bar Concerto “Bavaria”, Casa da Cegonha, Sorveteria Pol-o-nor e Cafés Cruz e Bourbon (REVISTA OFICIAL, 1940, p.155). Nesses pavilhões foram organizados estandes que apresentavam as atividades de cada setor ali representado.

As diversas escolas locais (Ginásio Estadual Culto à Ciência, Colégio Ateneu Paulista etc.) marcaram presença no evento com desfiles. Rubem Costa, que em 1939 trabalhava com jornalista no jornal Diário do Povo, comenta a apropriação do ensino feita pela ditadura para garantir sua legitimidade:

A agregação da juventude ao empreendimento político sempre foi substrato dos chamados governos fortes. E, obviamente, o lugar mais adequado para inoculação de conceitos formais plasmadores da personalidade – é a escola regular – oficial ou particular – que na sua definição mais singela é “núcleo de preparação para os embates da vida.” Dela se apropriam

as ditaduras para garantia positiva da liderança. (COSTA, 2013, p.89)

Os estabelecimentos de ensino, portanto, eram os locais adequados para a legitimação do governo totalitário do Estado Novo, pois a escola tinha o papel da formação de uma pretensa identidade nacional homogênea, através da participação em eventos cívicos, de caráter político.

Na década de 1930, apesar dos momentos de crise econômica e política, provocados pela Grande Depressão de 1929, a Revolução de 1930, a discussão sobre um plano de remodelação para Campinas esteve em pauta desde 1929, visando à modernização da cidade industrial.

Em 1934, decide-se pela contratação do engenheiro-arquiteto Francisco Prestes Maia para a confecção do plano, o qual denominou-se Plano de Melhoramentos Urbanos. Para Ricardo Badaró, é evidente que a implantação do plano de Prestes Maia se deu num contexto de “modernização”, pois para ele o plano seria uma experiência pioneira de urbanismo em Campinas (BADARÓ, 1996, p.14)

Ricardo Badaró afirma ainda que, as ruas estreitas da área central apontavam para o “século passado” e representavam a antítese do progresso. A solução para a modernização de Campinas seria a abertura de grandes avenidas, o que tornaria possível a construção de edificações mo-

dernas, obedecendo aos preceitos do urbanismo moderno. (BADARÓ, 1996, p.38, grifo nosso)

A Era Vargas, ou seja, o período no qual a Exposição do Bicentenário de Campinas foi realizada, iniciada após a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas assume o governo provisório, rompeu com toda a estrutura política da Primeira República e procurou estabelecer um novo projeto de Estado-Nação. Isso se dá, entre outros aspectos, com a criação de novas instituições, com a centralização do poder na esfera federal, com o fechamento das Câmaras Municipais e Estaduais, o Ministério da Educação e Saúde, em 1930 e o Departamento de Imprensa e Propaganda.

Com o Estado Novo, em 1937, instituído através de um golpe de estado dado pelo próprio Vargas que, outorgando uma nova Constituição, na qual garantiu a si mesmo plenos poderes, inicia-se a ditadura que flertava com governos autoritários europeus. De acordo com Thomas E. Skidmore, “As novas formas constitucionais eram uma imitação dos modelos corporativos e fascistas europeus, especialmente de Portugal e da Itália.” (SKIDMORE, 2010, p.61)

As atividades culturais nesse período estiveram em sintonia com a política de estado, objetivando o disciplinamento e padronização da vida cotidiana, seja através da educação escolar, seja pelas próprias manifestações da cultura nacional, como parte de um projeto de nação, que visava



Figura 10. Fachada do Pavilhão do Município de Campinas. Observa-se a arquitetura em linguagem estética art déco, própria da “modernidade”. Fonte: Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas 1739-1939. São Paulo: J. Gozo, 1940.



Figura 11. Fotografia de autor desconhecido: avenida de entrada da exposição-feira do bicentenário de Campinas. Fonte: Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas (1739-1939). São Paulo: J. Gozo, 1940.

a construção de uma nova sociedade e de um novo trabalhador.

O desfile das escolas (públicas e particulares) locais durante a abertura da exposição atesta a forma pela qual o Estado Novo procurava garantir positivamente sua legitimidade, assim como a exaltação do seu líder. Eric Hobsbawm esclarece o uso da educação regular como instrumento de formação de identidade:

Por mais reservas que façamos, é difícil negar que o ensino (ou seja, o ensino público nacional dos tempos modernos) funciona como motor de socialização nacional e formador de identidade.

Isso dá ao Estado considerável poder – e não apenas ao Estado ditatorial. Obviamente, o tipo de Estado que era chamado de totalitário, concentrando nas próprias mãos todo o poder e todas as comunicações e tentando impor aos cidadãos um conjunto hegemônico de crenças, é indesejável (...)” (HOBSBAWM, 2013, p.179-80)

6. Uma imagem moderna para Campinas

A montagem dos pavilhões e estandes da exposição foi realizada por João Artacho Jurado, nomeado como Comissário Geral da Exposição. João Artacho Jurado começou sua carreira profissional como letrista e, mais tarde, junto com seu irmão, abriria uma fábrica de luminosos de néon, muito em voga na década de 1930. Em-

bora não tivesse diploma de arquiteto, projetou e construiu diversos edifícios em São Paulo. (ZAKIA, 2011, p.92)

O contrato para a realização da Exposição-Feira, foi concedido ao Snr. João Artacho Jurado, cuja idoneidade moral e reconhecido tirocínio técnico, em empresas deste gênero, ficaram mais uma vez provados, – na organização do citado empreendimento, que atraiu, para Campinas, a atenção das populações dos mais longínquos Municípios paulistas. (VIEIRA, 1940, p.31)

Os pavilhões foram construídos segundo a linguagem estética art déco, bastante homogênea, seguindo o ideário da modernidade na qual a cidade se inseria (Figuras 10 e 11).

Já no pórtico de entrada da Exposição (Figura 12), os visitantes se deparavam com o projeto monumental de Artacho Jurado. Uma imensa coluna iluminada, como se tivesse saído do filme *Metropolis*, de 1927, do cineasta Fritz Lang, completava o conjunto arquitetônico.

Não à toa, a imagem da coluna iluminada fora escolhida para figurar na capa da Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas (Figura 13), publicada em 1940. Na revista, encontram-se diversas imagens do evento, uma grande quantidade de anunciantes do comércio e indústria, tanto local, como de outras cidades do estado, incluindo a capital, São Paulo.



Figura 12. Fotografia de autor desconhecido: vista noturna do pórtico de entrada da exposição-feira do bicentenário de Campinas, onde pode ser observada a coluna iluminada. Fonte: Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas (1739-1939). São Paulo: J. Gozo, 1940.



Figura 13. Representação gráfica da torre iluminada do pórtico de entrada da exposição. Fonte: Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas 1739-1939. São Paulo: J. Gozo, 1940. Acervo do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas - CCLA.

No final do século XIX, uma série de artigos, fotografias, desenhos etc. que circularam em Campinas, procuravam apresentar a trajetória de progresso que a cidade havia retomado após as grandes epidemias de febre amarela que grassaram na cidade entre 1889 e 1897.

O Jornalista Alberto Sarmiento, em artigo de 1899, publicado no Almanaque de Campinas de 1900, ressalta a necessidade da elite local em divulgar a cidade “moderna” e, ao mesmo tempo, afastar a memória das epidemias de febre amarela. Para isso, o jornalista destaca as instituições campineiras e suas emblemáticas edificações. Segundo Sonia Fardin:

O jornalista [Alberto Sarmiento] traduz a idealização totalizadora de uma elite que busca na concretude dos monumentos arquitetônicos mesclar a tradição de um passado glorioso e pujante com uma ordem moderna, fundada na organicidade social traduzida pela regulamentação dos lugares sociais dos indivíduos. Mas a primazia do discurso está no presente e na potencialidade da ideia de progresso, que no século XIX se difunde e acelera. (FARDIN, 2002, p.64, grifo nosso)

O mesmo Almanaque de Campinas de 1900, ainda apresentou imagens fotográficas das edificações exaltadas por Sarmiento em seu artigo, como locais de assistência aos pobres, representados pela Santa Casa de Misericórdia, hospital dos variolosos, etc. Escolas, como o Lyceo de Artes e Offícios, onde os filhos dos pobres e os órfãos recebiam instrução regular e técnica e o Gymnásio do Estado, antigo Culto à Ciência, onde estudavam os filhos das famílias mais abastadas. (FARDIN, 2002, pp.62-4)



Figura 14. Maquete do Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas (área central): Fonte: Revista Oficial da Exposição-Feira do Bi-Centenário de Campinas 1739-1939. São Paulo: J. Gozo, 1940.

Neste momento, procurava-se retomar a imagem da moderna e próspera cidade do café, saneada e livre das epidemias. A divulgação das imagens das instituições presentes na cidade, assim como da arquitetura que representava os anseios de cidade moderna, representou a busca por uma nova identidade, evidenciada através do progresso e dos lugares de convívio bem definidos e demarcados, numa clara divisão entre ricos e pobres.

No Pavilhão Município de Campinas, foram expostos a maquete (Figura 14) do Plano de Melhoramentos Urbanos, planos e projetos de obras públicas e também contava com uma galeria de arte.

7. Considerações Finais

Este estudo sobre a Exposição-Feira do Bicentenário de Campinas procurou evidenciar como este evento serviu como lócus de legitimação do Plano de Melhoramentos Urbanos, assim como para a apresentação do progresso em Campinas e no Estado de São Paulo e no Brasil, de modo geral. A presença do Interventor Federal no Estado de São Paulo, Adhemar de Barros, como representante do Estado Novo, fazia parte do ideário de um regime totalitário que, através de instrumentos legais, determinava que os planos urbanos nas cidades brasileiras fossem legitimados publicamente através de propaganda nos jornais e eventos desse tipo.

A arquitetura da Exposição, em linguagem estética *art déco* e sua monumentalidade, refle-

tem o ideário da modernidade, característico da década de 1930.

Foi um evento único na cidade, amplamente divulgado na imprensa e que proporcionou grande visibilidade à Campinas, de forma positiva. O evento demonstrou e oficializou a relevância de um plano urbano para a cidade que, mais uma vez, tentava se modernizar.

A reafirmação da ideia de progresso, assim como da modernidade, também fora representada através das atrações culturais e lúdicas presentes na Exposição-Feira. As fotografias incluídas na revista oficial, em sua maioria, tomadas a noite, com equipamentos muito iluminados, reafirmam o caráter moderno das diversões noturnas, próprias de cidades modernas.

Torna-se importante destacar que a maquete e planos apresentados na exposição mostravam a futura área central da cidade remodelada. Cidade esta que não fora concebida para a classe operária campineira e, concordando com Antonio da Costa Santos, “Nela, não cabe ao proletariado historicamente emergente da periferia mais distante e muito menos dos cortiços e fundos de quintal do centro da cidade.” (SANTOS, 2002, p.295)

A exposição realizada em Campinas em 1939, insere-se numa tradição iniciada a partir da segunda metade do século XIX e, devido a importância das exposições universais, dos con-

gressos temáticos e de outros grandes eventos urbanísticos, pode ser medida de forma global, regional e local, porém em todas estas instâncias as propostas para modernizar as cidades, independente do grau de mudança, foram pensadas, discutidas e implantadas até então por profissionais com experiência e/ou conhecimento baseados sobretudo nas experiências europeias e, posteriormente, na experiência norte-americana.

Na maioria dos casos, o envolvimento do Estado, bem como dos meios de comunicação, foi determinante para a obtenção do sucesso dos projetos expositivos, pelo menos, em se tratando de participação popular (desde a divulgação para conhecimento público, o comparecimento da população nos eventos, até a aceitação, ou não, na implantação do plano urbanístico). Em alguns casos, como, por exemplo, no Rio de Janeiro e em Campinas, os eventos se utilizaram de datas comemorativas que pouco (ou quase nada) tinham a ver com a urgência das melhorias urbanísticas que estas cidades (em plena expansão urbana) realmente necessitavam.

É importante ressaltar, porém, que todos os eventos urbanísticos realizados desde 1851 (Londres) objetivaram a implantação de melhorias urbanas nas cidades, seja em forma de implantar novos planos urbanísticos; na forma de modernizar materiais para construção, iluminação e saneamento; em dar maior e melhor mobilidade e

acessibilidade; em preservar o meio ambiente e o patrimônio; em requalificar áreas urbanas que contém vazios urbanos e locais degradados, etc.

Em Campinas, o Plano de Melhoramentos Urbanos, de Prestes Maia, foi o primeiro plano urbanístico da cidade e o de maior duração: sua implantação se estendeu do final a década de 1930 até o final da década de 1960. O plano foi substituído pelo PDDI (Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado) somente em 1971.

Referências Bibliográficas

BADARÓ, Ricardo. **Campinas: o despontar da modernidade**. Campinas: CMU/UNICAMP, 1996.

BARBUY, Heloisa. **O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal**. ANAIS DO MUSEU PAULISTA, v. 4, n. 1, p. 211-261, 1996. APA

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Estudo da trajetória profissional do Engenheiro-arquiteto Luiz I. R. de Anhaia Mello. In: SALGADO, Ivone, BERTONI, Angelo et. al. (orgs). **Da construção do território ao planejamento das cidades: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas (1850-1930)**. São Carlos: RIMA, 2010.

COLLINS, Christiane Crasemann. **Werner Hegemann and the Search for Universal Urbanism**. New York: W. W. Norton & Company, 2005.

CALABI, Donatella. **História do urbanismo europeu: questões, instrumentos, casos exemplares.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

COSTA, Luiz Augusto Maia. Victor da Silva Freire: a vida, as ideias e as ações de um urbanista paulistano de primeira hora: 1869-1919. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011, v.11, n.2. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/viewFile/6066/4375>> Acesso em 10 nov. 2015.

COSTA, Luiz Augusto Maia. **Nem tudo era europeu:** a presença norte-americana no debate de formação do urbanismo Paulista (1886 – 1919). Santo André: Editora da Universidade Federal do ABC, 2014.

COSTA, Rubem. **Bicentenário de Campinas:** a saga que a cidade amou: 1739-1939. Campinas: Komedi, 2013.

FARDIN, Sônia. Revelações do Imaginário Urbano; Iconografia campineira no final do século XIX. In: **Oculum Ensaio Revista de Arquitetura e Urbanismo.** Campinas: PUC Campinas, 2002.

GODOY, João Miguel Teixeira de; BARONI, Gabriel Vinicius. **História fabricada:** controvérsias em torno da fundação da cidade de Campinas. Revista História Regional, ano 16, n. 1. p. 119-153, ver. 2011.

HOBBSAWN, Eric J. **Tempos fraturados.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, Paula C. M. A Exposição de 1917 no Palácio das Indústrias em São Paulo: representações do industrialismo na metrópole nascente. In: **Anais do VI Colóquio Latino-Americano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial,** São Paulo, 2012.

MUMFORD, Lewis. Paraíso **Paleotécnico:** Coketown. In: A cidade na história. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, Sílvia Ribeiro. O século XIX e as exposições universais. 2010. V.11, n.5 Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1409/1382>> Acesso em 03 nov. 2015.

PEREIRA, Margareth da Silva. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. In: ARQtexto (UFRGS), v. 16, p. 6-27, 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/01_MSP.pdf> Acesso em: 04 de outubro de 2015.

PLUM, Werner. **Exposições mundiais no século XIX:** espetáculos de transformação sócio-cultural. Tradução por Wanderlei de Paula Barreto e Ana Maria Zanutto de Paula Barreto. Bonn: Friedrich-Ebert-Stiftung, 1979. (Cadernos de Pesquisa do Instituto de Pesquisas FriedrichEbert).

REVISTA OFICIAL DA EXPOSIÇÃO-FEIRA DO BI-CENTENÁRIO DE CAMPINAS, 1739-1939. São Paulo: J. Gozo, 1939.

SALGADO, Ivone. Apresentação. In: COSTA, Luiz Augusto Maia. **Nem tudo era europeu:** a presença norte-americana no debate de formação do urbanismo Paulista (1886 – 1919). Santo André: Editora da Universidade Federal do ABC, 2014, p. 15-21.

SANTOS, Antonio da Costa. **Campinas, das origens ao futuro:** compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (1732-1992). Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

SANTOS, Paulo. C. dos. Um olhar sobre as exposições universais. In: **XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 2013, NATAL. Conhecimento histórico e diálogo social, 2013.

SCHROEDER-GUDEHUS, Brigitte, RASMUSSEN, Anne. **Les fastes du progres:** le guide des expositions universelles 1851-1992. Paris: Flammarion, 1992.

SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. Town Planning Conference, Londres, 1910. Intercâmbios internacionais nos primórdios do urbanismo moderno e seus reflexos no Brasil. Arqtextos, São Paulo, ano 15, n. 170.01, **Vitruvius**, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/15.170/5272>> Acesso em: 25 set. 2015.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil:** de Getúlio a Castello (1930-64). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIEIRA, Euclides. **Relatório das atividades realizadas pela Prefeitura de Campinas, durante o exercício de 1939.** Apresentado ao Departamento das Municipalidades pelo Prefeito Dr. Euclides Vieira. Campinas: Estab. Gráfico “Casa do Livro Azul”, 1940.

ZAKIA, Silvia Amaral Palazzi. Exposição-feira do bicentenário de fundação de Campinas-1939: construção histórica e sagração da cidade moderna. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP 18.30 (2011): 88-100. ■